

## **12041 - Agroecologia no contexto da formação em processo: a experiência do Pré-Assentamento “Márcia Cordeiro Leite”, Brasília-DF**

*Agroecology in the context of the training process: the experience of Pre-Assentamento "Marcia Cordeiro Leite", Brasília-DF*

COSTA, F. M. P.<sup>1</sup>; GREGOLIN, A.C.<sup>2</sup>, CRUZ, T.C.S.<sup>3</sup>, DINIZ, J.D.A.S.<sup>4</sup>, SOUZA, C.<sup>5</sup>; MIRANDA FILHO, R.J.<sup>6</sup>

1 Faculdade UnB Planaltina, [fmcosta@unb.br](mailto:fmcosta@unb.br); 2 Bolsista NEPEAS/CNPq, [adriana.gregolin@gmail.com](mailto:adriana.gregolin@gmail.com), 3 Faculdade UnB Planaltina, [taniacruz@unb.br](mailto:taniacruz@unb.br); 4 Faculdade UnB Planaltina, [janadiniz@unb.br](mailto:janadiniz@unb.br); 5 Ministério do Meio Ambiente, [sclaudias@gmail.com](mailto:sclaudias@gmail.com); 6 Faculdade UnB Planaltina, [rjmiranda@unb.br](mailto:rjmiranda@unb.br)

**Resumo:** O presente relato de experiência é o resultado prático da aplicação do referencial teórico de uma disciplina de graduação além dos limites da sala de aula. O desafio maior foi ofertar e ministrar Extensão Rural, uma matriz disciplinar tradicionalmente dos currículos de Ciências Agrárias, junto a cursos relativamente novos de Gestão. Durante vários semestres letivos vem ocorrendo a aplicação desta prática, utilizando como espaço um pré-assentamento próximo à Faculdade UnB Planaltina/DF. Em 2009, um primeiro contato com um grupo de agricultores. Na época, cerca de 100 famílias que haviam recebido a liberação das terras pelo INCRA, recebem o primeiro contato da Extensão Rural. Hoje, 93 delas ocupam o espaço de 432 ha, composto por uma diversificada vegetação regenerada de Cerrado há mais de 25 anos. Essa situação têm levado alunos e agricultores a saborearem algumas formas diferenciadas de se produzir alimentos com dignidade sob plena harmonia com a vegetação nativa. Os resultados mais relevantes desse trabalho têm sido a construção de uma consciência coletiva para o Desenvolvimento Rural Sustentável e de diversas conquistas de luta por projetos e recursos que contemplem as atividades de um grupo de agricultores e de um movimento social diferenciados.

**Palavras-Chave:** Agroecologia, Extensão Rural, Agricultura Familiar

### **Contexto**

A experiência de formação em processo na perspectiva da Agroecologia se deu pela ação da Faculdade UnB Planaltina da Universidade de Brasília junto ao pré-assentamento “Márcia Cordeiro Leite”, popularmente conhecido como “Monjolo”. Desde 2003, um grupo de trabalhadores sem terra do Movimento de Apoio ao Trabalhador Rural (MATR) vinha pleiteando a conquista de parte das terras da antiga Fazenda Monjolo e Lagoa Bonita no município de Planaltina/DF. Durante mais de seis anos estiveram acampados às margens de uma estrada próxima ao local. Em 2009, 432 ha desta propriedade rural foram adquiridos pelo INCRA SR-28 para implantação de um Projeto de Assentamento (PA). Por vários impedimentos socioambientais, o PA não foi concebido inicialmente, porém o público interessado do MATR ocupou a área e cerca de 100 famílias se estabeleceram na condição de pré-assentados.

A partir do segundo semestre de 2009, a FUP/UnB, utilizando ferramenta metodológica para o desenvolvimento da disciplina Extensão Rural, iniciou um trabalho com o pré-assentamento. Os objetivos dessa experiência foram: aproximar a Universidade da realidade de agricultores em pré-assentamento de reforma agrária; propiciar aos estudantes da disciplina de Extensão Rural contato com a realidade da reforma agrária; e integrar estudantes e agricultores num processo de formação compartilhada, na perspectiva da produção sustentável tendo como referência a Agroecologia.

## **Descrição da experiência**

A disciplina Extensão Rural do curso de Gestão do Agronegócio da FUP/UnB foi organizada no intuito de trabalhar a formação dos estudantes integrando teoria e prática para a construção de conhecimentos com agricultores. Nesta perspectiva, a experiência seguiu as seguintes etapas: leitura e estudo de textos (Freire (1983); Silveira (2003); Silva & Arns (2001); Franco (1998); Caporal & Ramos (2006); entre outros) e oficinas de trabalho no pré-assentamento.

Em 2009 foi realizado um Diagnóstico Rural Participativo (DRP) envolvendo alunos da disciplina e a maioria dos agricultores pré-assentados. O DRP é uma metodologia que tem a possibilidade de gerar informações precisas das áreas que necessitam de acompanhamento ou mesmo estruturação de um planejamento mais formal (Verdejo, 2006). No 1º semestre letivo de 2010 foram realizadas oficinas *in loco*. Na primeira oficina, cada demanda apontada pelo DRP foi organizada quanto às seguintes questões: Onde estamos? (realidade momentânea); O que queremos? (vislumbre do futuro desejado); Como podemos contribuir? (qual pode ser a contribuição dos envolvidos). Os participantes dividiram-se em três grupos inicialmente conforme melhor identificação/familiaridade com o tema. Posteriormente os agricultores e estudantes trocaram de grupos para apresentação, discussão e complementação dos resultados de cada exercício.

Fez parte da metodologia palestras, entre elas sobre Agroecologia, no contexto da Nova Política Nacional de ATER. Essa política pública estabelece que cabe à Extensão Rural: “Estimular, animar e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, que envolvam atividades agrícolas e não agrícolas, pesqueiras, de extrativismo, e outras, tendo como centro o fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações (BRASIL, 2003)”.

## **Resultados**

Os resultados apontados pelo DRP de 2009 foram quanto a: 1. Assistência Técnica e Extensão Rural; 2. Organização da produção e; 3. Estímulo a formas de comercialização futura compatíveis com a realidade local. Os principais resultados e encaminhamentos da aplicação da I Oficina com os pré-assentados podem ser assim resumidos: ATER: a) Formação, capacitação, oficinas, assistência técnica; b) Desenvolvimento do pensamento coletivo; c) Integração entre assentamentos; d) Consultoria técnica. ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO: a) Processos de gestão (planejamento, organização, execução); b) Troca de experiências entre assentados; c) Organizar os principais produtos produzidos; d) Agroecologia como instrumento emancipatório. COMERCIALIZAÇÃO: a) Promover a organização interna desde a produção até a comercialização; b) Estimular a dedicação, a união e a força de vontade para fortalecer o grupo; c) Promover e estimular a ajuda entre companheiros agricultores, fortalecendo os processos e trabalhos em mutirão; d) Planejamento; e) Pesquisas – informação; f) Parcerias com outras áreas técnicas.

No 2º semestre de 2010, foram trabalhadas ações com os agricultores, a partir dos resultados e encaminhamentos ainda da oficina anterior: 1) Troca de experiências entre assentados; 2) Organizar os principais produtos produzidos atualmente; 3) Agroecologia como instrumento emancipatório. Destes resultados e encaminhamentos, destacam-se algumas das principais interações e percepções a partir do diálogo entre alunos e agricultores, apresentados a seguir.

Quanto à metodologia utilizada observa-se que o fato de alunos e agricultores terem se distribuído em diferentes grupos possibilitou a troca de experiências. Os estudantes buscaram compreender os produtores como agentes de sua própria trajetória, respeitando suas formas de organização, seus conhecimentos e, sobretudo, suas experiências de vida. Muitos identificaram a necessidade de uma ATER qualificada para ajudar a organizar e comercializar a produção. A produção deles hoje é mais para o consumo próprio do que para vender, pois o investimento é baixo na terra que ainda não é definitiva. *“Os principais produtos produzidos atualmente pelos agricultores são: feijão de corda, feijão comum, mandioca, milho, batata doce, hortaliças, abóbora, maxixe, chuchu, melancia, etc. e a produção animal concentra-se em frangos e ovos do tipo caipira, além de patos, cavalos, vacas e perus.” Os moradores vivem em barracos construídos de restos de construções e madeiras (Foto 01), e em nenhuma destas construções há fornecimento de energia elétrica, tampouco água encanada e saneamento básico.*



Foto 01. Troca de experiências entre alunos e pré-assentados. Ao fundo a casa da líder de um dos grupos, Sra. Nancy, ao centro.

*“A Extensão Rural deve estar baseada na comunicação, ou seja, o extensionista precisa conversar com o morador da região de forma a trocar experiências, com a finalidade de construir o conhecimento mútuo. Muitas vezes o extensionista encara a população como ignorante e que a ela só cabe o papel de aprender as novas técnicas e aplicá-las; ao fazer isso, o extensionista erra bastante, pois a população assistida possui conhecimentos que devem ser levados em consideração”* (relato de uma aluna da disciplina).

A Extensão deve possuir um viés educativo, que atua sobre a realidade que o mediatiza (Freire, 1983). O autor também mostra que para alcançar os resultados/mudanças através da extensão é preciso que esta se baseie no diálogo. Mesmo possuindo obstáculos, toda ação do educador deve ser voltada para a mudança de consciência do camponês, tornando-o livre e participativo, e conseqüentemente inserindo-o em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação. *“A FUP/UnB tornou-se um apoio a esses agricultores, tanto no que diz respeito à ATER e, particularmente, no então chamado Projeto “Manutenção”. Alguns acreditam que esse projeto irá facilitar a obtenção do registro da área, do licenciamento ambiental, da proximidade com a Extensão Rural e, conseqüentemente, da melhoria de renda e qualidade de vida dos agricultores.”*

Outras percepções dos estudantes confirmam o valor do conhecimento dos agricultores *“(…) o que se pode concluir é que o melhor caminho ainda é o da “dialoguicidade”, onde é possível compreender a realidade do produtor, assimilar sua cultura e fazer parte desse contexto incrementando o saber técnico para corrigir algumas falhas, mas ao mesmo*

*tempo construir novas maneiras de compartilhamento do conhecimento, do produtor para o extensionista e do extensionista para o produtor (...)*. No diálogo mais direto com um dos grupos os alunos tiveram *“a oportunidade de ouvir e compartilhar experiências por eles trazidas com o passar dos tempos sobre agricultura e até mesmo da vida. Um exemplo disto é a plantação de fumo perto de locais onde se cria animais ruminantes, pois com o odor do fumo afasta o pulgão e assim elimina uma praga que pode atacar o rebanho”*.

Segundo o relato de um dos agricultores, o Conceito de Agroecologia é: *“sistematizar todos os esforços em produzir uma proposta de agricultura abrangente, que seja socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável; um modelo que seja o embrião de um novo jeito de relacionamento com a natureza, onde se protege a vida toda e toda a vida”*. Utilizando-se de indicadores de sustentabilidade, conforme orienta a Nova Política Nacional de ATER projeta-se algumas percepções em relação à Agroecologia como instrumento emancipatório, a partir dos agricultores. Com relação aos indicadores do processo de transição agroecológica, constatou-se que a maioria dos agricultores trabalha com o adubo orgânico; houve redução de impactos ambientais, pois continuam a manter um processo de regeneração do Cerrado original; muitos promovem a diversificação de cultivos; a produção individual ou coletiva é para consumo próprio, algum excedente é vendido; utilizam inseticidas naturais, feitos com folhas da mamona para combate de pragas. Em relação aos indicadores sociais, houve melhoria da alimentação; a família é tomadora de decisão, na maioria dos casos; todos participam, incluindo jovens e mulheres; em relação à questão de atendimento à saúde, ocorrem visitas de agentes do posto de Planaltina, que fazem atendimento na gleba, realizando a marcação de consultas e promovendo o envio de medicamentos; os agricultores utilizam muitas plantas medicinais, pois trazem consigo esse conhecimento através de gerações; a “moradia” é confortável, mas com situações precárias; as crianças que ali residem têm acesso a escola, as demais moram com familiares na “cidade”. Quanto aos indicadores econômicos, *a renda alterou coisa mínima depois da ocupação das terras e os pré-assentados normalmente buscam fora da propriedade o que falta para a alimentação. Para a diversificação do cultivo, que é de subsistência, procura comprar sementes variadas e/ou de “entidades”, sementes de milho e feijão, às vezes o adubo químico. “Sem acesso ao crédito para investimento, pois não possuem o “poder” da terra, procuram se virar produzindo da maneira que podem”*. Em relação aos indicadores relacionados à cultura local, *“esses tratam da tecnologia empregada na produção, assim como os hábitos alimentares. Quanto à tecnologia empregada, raramente contratam trator para arar a terra para plantio, pois em geral utilizam o trabalho braçal. A alimentação é baseada no que produzem. O que se busca fora da propriedade são alimentos essenciais, porém são aqueles que já estão em falta.”* Por fim, em relação aos indicadores de gestão institucional, *“dizem participar das reuniões sempre que possível, mas não participam de forma direta na eleição do presidente do pré-assentamento. Os agricultores entrevistados não reclamam dessa questão, pois dizem que apóiam e confiam na escolha da coordenação.”* Existe um “poder” Democrático entre os agricultores - falam da importância da instituição MATR. Em relação às atividades de Extensão levadas pela Universidade, *“dizem gostar muito, além de aprenderem bastante”*. Segundo CAPORAL et al (2006), graças à troca de conhecimento e saberes empíricos e científicos, técnicos e agricultores poderão elaborar um conhecimento novo que lhes permitirá fazer opções tecnológicas e não tecnológicas, adequadas às condições locais. Para o citado autor, esses e outros indicadores devem ser trabalhados de forma dinâmica, de modo que

contribuam para o monitoramento em curto prazo e para a retro-alimentação e re-planejamento das atividades, permitindo a re-orientação das ações e a verificação dos impactos resultantes dos serviços de Ater.

Depois de diversas participações e comprometimentos através da disciplina no pré-assentamento “*Monjolo*”, em 2011 o MATR é contemplado por um projeto do Instituto Novas Fronteiras da Cooperação (INFC) com o Ministério do Desenvolvimento Social, que beneficia cerca de 560 famílias de agricultores, espalhadas em quatro diferentes áreas ocupadas pelo movimento. O “*Monjolo*” foi contemplado. Esse pré-assentamento dá exemplo de que, apesar de todas as dificuldades, é necessário acreditar que o processo de construção participativa se dá de maneira paralela e singular sempre que o agricultor opta por soluções viáveis que preservem sua autonomia. O maior desafio para essa comunidade será manter o coletivo e a perspectiva agroecológica em curso, em todas as etapas do desenvolvimento. O Licenciamento Ambiental foi aprovado e o Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA) será executado pela Emater local, em parceria com a Universidade de Brasília.

### **Agradecimentos**

À Faculdade UnB Planaltina – FUP/UnB;

Ao Movimento de Apoio aos Trabalhadores – MATR, em especial aos agricultores;

Aos alunos de todos os semestres da disciplina Extensão Rural da FUP.

### **Bibliografia**

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário/Secretaria da Agricultura Familiar. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater)**. Brasília-DF, 2003.

CAPORAL, F.R.; RAMOS, L.F. **Da Extensão Rural convencional à Extensão Rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia**. Brasília, 2006. Texto de Extensão Rural, MDA/SAF/DATER. 2006.

FRANCO, A. **Dez consensos sobre o desenvolvimento local integrado e sustentável**. Adaptação do Documento-Final da Oitava Rodada de Interlocação Política do Conselho da Comunidade Solidária. Brasília: IPEA. 1998.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 7ª ed. 1983. 93 p.

SILVA, M.T.R.; ARNS, P.C. **Desenvolvimento Comunitário: Alguns sonhos e reflexões num pensamento imperfeito**. Projeto BNDES/PNUD. Junho/2001.

SILVEIRA, C.M. **Desenvolvimento Local: Marcos Conceituais E Históricos**. Texto para reflexão sobre DL, NAPP. Coordenação da Rede Dlis. 2001.

VERDEJO, M.E. **Diagnóstico Rural Participativo**. Um guia prático. Brasília: Ascar/Emater/RS. 2006.